

Elementos de linguagem e arqueogenealogia em Michel Foucault

Éléments de langage et d'archéogénéalogie dans Michel Foucault

Michel de Vilhena Ferreira
Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil

Carlos Jorge Paixão
Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil

Damião Bezerra Oliveira
Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil

Resumo: O objetivo do artigo é problematizar o paradigma da linguagem na arqueogenealogia enquanto episteme praticada por Michel Foucault (1926-1984), a fim de contribuir com o debate da passagem do paradigma da filosofia e psicologia da consciência, no qual o sujeito do conhecimento ou da consciência reflexiva de si mesma serviam de suporte às metafísicas idealistas do eu, ao paradigma da filosofia e psicologia da linguagem, que prioriza a linguagem e a prática discursiva na maneira de estruturar e de organizar a realidade, dar-lhe significado e sentido, para dessa forma, assegurar a prática comunicativa entre os seres humanos e, sobremaneira, permitir a apropriação, a avaliação e a disseminação dos conhecimentos científicos de toda uma época, forçando deslocamentos de ordem teórica, metodológica, técnica e epistemológica dentro das Ciências Humanas e Sociais (CHS) e das Ciências da Educação (CE). A análise arqueogenealógica é um meio de problematizar e de tentar compreender o papel da linguagem no interior dos processos sociais, políticos e históricos, como também os seus usos em contextos institucionais, ou ainda nas circunstâncias concretas da vida cotidiana, microssocial, micropolítica, microfísica. Implica, portanto, colocar em evidência a centralidade desses processos na constituição do sujeito e da subjetividade, no desenvolvimento humano e na manutenção de nossas sociedades.

Palavras-chave: Filosofia da linguagem; Psicologia da linguagem; Arqueogenealogia; Sociedade; Subjetividade

Résumé: L'objectif de cet article est de problématiser le paradigme du langage en archéogénéalogie comme une épistémè pratiquée par Michel Foucault (1926-1984), afin de contribuer au débat sur le passage du paradigme de la philosophie et psychologie de la conscience, en où le sujet de la connaissance ou de la conscience réflexive de soi a servi de support à la métaphysique idéaliste de soi, au paradigme de la philosophie et psychologie



du langage, qui privilégie le langage et la pratique discursive dans la manière de structurer et d'organiser la réalité, lui donnant sens et de sens, afin d'assurer une pratique communicative entre les êtres humains et, surtout, de permettre l'appropriation et l'évaluation des savoirs scientifiques de toute une époque, imposant des glissements théoriques, méthodologiques, techniques et épistémologiques au sein des Sciences Humaines et Sociales (SHC) et des Sciences de L'éducation (SE). L'analyse archéogénéalogique est un moyen de problématiser et d'essayer de comprendre le rôle du langage dans les processus sociaux, politiques et historiques, ainsi que ses usages dans des contextes institutionnels, voire dans les circonstances concrètes de la vie quotidienne, microsociale, micropolitique, microphysique. Cela implique donc de mettre en évidence la centralité de ces processus dans la constitution du sujet et de la subjectivité, dans le développement et le maintien de nos sociétés.

Mots-clés: Philosophie du langage; Psychologie du langage; Archeogénéalogie; Société; Subjectivité

*O sujeito autobiográfico está intrinsecamente ligado
a certas propriedades da linguagem,
em particular à possibilidade de fundir em um único significante,
“eu”, o enunciador e o enunciado.
O Eu não preexiste à linguagem,
que lhe serviria apenas para “se expressar”
(LEJEUNE, 2014, p. 263)*

1 Introdução¹

Atualmente, arrasta-se um conflito em Filosofia e Epistemologia das Ciências Humanas e Sociais (CHS) e em História dos Sistemas de Pensamento e das Mentalidades acerca da posição de Michel Foucault (1926-1984) dentro desse espectro. Mas sabemos, entretanto, que ele era muito arredo com qualquer tentativa de especificação, de especialização, de classificação, de taxonomia, fato explicitamente colocado logo no início de *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* (2007). Quando seu pensamento emerge, historicamente está havendo o conflito entre o estruturalismo e a hermenêutica, fato que dará início ao que temos hoje como estruturalismo e pós-estruturalismo. Quando seus livros surgem, tenta-se classificá-los, ora numa posição estruturalista, ora numa

¹ Comunicação de formalização escrita final inédita do texto acadêmico, científico, técnico e institucional da demarcação teórica, metodológica e epistemológica da pesquisa de tese de doutorado em educação intitulada “A Epistemologia Arquivística e Escriturária da Educação Superior na Amazônia Paraense: dandismo decadente na Belém da *Belle Époque*”, vinculada à linha de pesquisa Educação, Cultura e Sociedade, do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED), do Instituto de Ciências da Educação (ICED), da Universidade Federal do Pará (UFPA). (ISSN: 2359-0874).

posição hermenêutica, interpretativa ou pós-estruturalista. Porém, “Foucault nunca tinha sido estruturalista e detestava interpretações [...]; apenas considerava o estruturalismo a posição mais avançada no campo das ciências humanas [...], ele não praticava as ciências humanas: ele analisava, do exterior, o discurso como um domínio autônomo” (DREYFUS & RABINOW, 2013, p. XI).

Temos, primeiramente aqui, a melhor pista a respeito do que consiste a *arqueologia*. Apesar dos ditos e dos escritos de Foucault apresentarem uma abordagem e uma linguagem muito semelhante ao que os estruturalistas e os hermeneutas estavam fazendo, influenciados pelos modismos, *a arqueologia de Foucault consiste apenas na análise descritiva das formas históricas assumidas pelas práticas discursivas*, pelos discursos enquanto domínios autônomos. O pensamento foucaultiano também não possui uma teoria unificada da linguagem ou do discurso e nem metodologia mais ou menos sistematizada de análise do discurso. Sabemos que o *Arqueologia do saber* (2008) é um ensaio, uma tentativa. Para Foucault a arqueologia é uma descrição objetiva das regras através das quais a linguagem e o discurso organizam e originam não somente a si mesmos, mas também organizam e originam as práticas sociais, culturais e institucionais, abrindo o caminho para a *genealogia*, e mais à frente, a imbricação de ambas em *arqueogenealogia*. A arqueogenealogia é uma epistemologia, uma estratégia teórica, metodológica e técnica de pesquisa que combina tanto uma análise arqueológica, que preserva um certo afastamento do discurso, quanto uma análise genealógica, que parte do interior das práticas discursivas e culturais, capaz de mostrar, ainda que interpretativamente, através da compreensão do significado e do sentido mais profundo da tradição das práticas, como em nossa cultura os seres humanos tornam-se tanto sujeito quanto objeto, tanto estrutura quanto hermenêutica, tanto objetivação quanto subjetivação.

Entre os anos 1960 e 1980, o pensamento de Michel Foucault (2008; 2007) expressava todas as críticas que o século XX vinha fazendo à Modernidade, sobretudo às suas concepções de metafísica, de racionalidade, de historicidade, de ciência e de cultura. Foucault, embora declarasse não ser estruturalista, afirmava que o sujeito humano é constituído por estruturas biológicas, psicológicas, econômicas e linguísticas, ao mesmo tempo em que também depunha contra o existencialismo fenomenológico, o subjetivismo idealista e o humanismo personalista que conjuravam o homem livre, criativo,

autoconsciente, artífice de seu próprio futuro. Este homem, para os estruturalistas, não existe. Este homem, se quisermos falar dele cientificamente, é antropofagizado por estruturas que são onipresentes, onipervasivas, onideterminantes e onívoras em relação à sua posição de sujeito, à sua subjetividade e ao seu saber.

A atitude filosófica arqueogenealógica de Michel Foucault vinha apresentando soluções bem distintas das dos estruturalistas e diferentes daquelas propostas pela filosofia ocidental tradicional clássica que tratava como metafísicos os problemas filosóficos relativos ao sujeito humano, ao eu, ao ego, à onipotência egóica e juntamente com ela sua pretensa liberdade, seu pretenso poder de responsabilidade, de fazer história, relativos ao desenvolvimento e progresso da história humana, e com ele seus pretensos significados e sentidos. A atitude arqueogenealógica de Michel Foucault se caracterizava muito mais pela problematização do subjetivismo, do humanismo, do empirismo e do historicismo, oferecendo um leque de propostas díspares que, contudo, encontram sua unidade em um protesto comum contra a exaltação do eu e a glorificação do finalismo de uma história humana feita ou, de qualquer forma, guiada ou co-criada pelo próprio empenho do homem.

A epistemologia arqueogenealógica de Michel Foucault (2008; 2007) pretende deslocar a direção em que andava o saber sobre o homem, a fim de destronar o sujeito, o eu, o ego, a subjetividade, a consciência, ou o espírito, juntamente com suas tão celebradas capacidades de liberdade, autodeterminação, auto-transcendência e criatividade, em favor de estruturas profundas e inconscientes, onipresentes e onideterminantes, isto é, de estruturas onívoras e autofágicas em relação ao seu eu. E isso tudo a fim de ajudar a tornar científicas e positivas as Ciências Humanas e Sociais (CHS). A atitude arqueogenealógica foucaultiana tem validade filosófica justamente porque problematiza pelo menos dois grandes temas filosóficos: o do eu e o da história. Contra o existencialismo fenomenológico, o subjetivismo idealista, o humanismo personalista e todas as demais doutrinas que exaltam a centralidade de um eu criativo, livre, responsável, construtor de seu próprio futuro, proclamando o fim e a morte do sujeito homem, produzido por estruturas profundas e inconscientes (econômicas, psicológicas, simbólicas etc.) onívoras e antropofágicas em relação ao seu eu.

2 Linguagem e arqueogenealogia em Michel Foucault

Levados pela força do movimento estrutural-pós-estrutural, o materialismo histórico e dialético do marxismo evidenciou o peso da estrutura econômica na construção do indivíduo, de suas relações e de suas ideias. A psicanálise chamou a atenção do nosso olhar para as estruturas inconscientes que sustentam o nosso pensamento, nosso sentimento e nosso comportamento. A antropologia mostra os sistemas compactos de regras, valores, costumes, práticas, ideias e simbologias que nos objetivam do nascimento à morte. Como não poderia também deixar de ocorrer, tanto a História, como a própria historiografia é chamada a se rever e a se reposicionar diante da história da humanidade, vista agora como história do saber, como um desenvolvimento descontínuo de estruturas que conformam e compõem o pensamento, a prática e as instituições, tanto nas diversas épocas, como nas diferentes culturas da humanidade. Aqui a história não tem nenhum sentido, nela não existe um fim, nem se desenvolve de modo contínuo e progressivo. O que opera nela são estruturas inconscientes, e não homens com seus fins declarados e seus objetivos claros, os quais são apenas aparências. Tampouco existe uma lei de progresso que guia a história humana em sua globalidade. Não pode haver na história transformação real, progresso verdadeiramente arrebatador e inovador. Contra todas as formas de historicismo nas quais se exaltam o finalismo, a continuidade, o progresso de uma história humana feita ou guiada pelo homem, Michel Foucault (2008; 2007) dirá que a história humana é descontínua, não há nenhum progresso, mas apenas sucessão de estruturas epistêmicas, de *epistemes*, as quais apenas para o observador que não conheça as regras do jogo, os eventos históricos parecerão arbitrários e novos. Mas não é assim para quem conhece as regras e as estruturas das quais são geradas as configurações da vida social, política e institucional dos homens e também seus produtos mentais, subjetivos ou culturais.

Michel Foucault (2008; 2007) desenvolveu outra abordagem no estudo da história. Para ele, a história e o que acontece não tem sentido finalístico e a ideia de progresso é simplesmente um mito por meio do qual o homem ocidental quer representar seu contínuo e glorioso desenvolvimento. Esta continuidade, porém, não existe. Reafirmando o que já foi dito acima, a história é descontínua. Ela é governada por campos epistêmicos ou *epistemes* que operam em profundidade, estão em função no nível inconsciente. Por

campos epistêmicos ou epistemes entendem-se todas as relações que existem em certa época dentro e entre os vários campos da filosofia e das ciências. E a ciência que estuda tais epistemes é designada por Foucault de arqueologia. O protesto pós-estruturalista também demonstrou a partir da linguística estrutural os complexos mecanismos simbólicos da linguagem, na qual mora a possibilidade real de nossa subjetividade, de constituição do nosso pensamento. Nossa visão de mundo é dependente da nossa prática psicossociolinguística.

Diante de tudo isso, diante da lucidez que a onipresença dos campos epistêmicos e dos jogos que os entes simbólicos representam, os homens não têm significado e não existem fora dessas relações que os constituem, que os instituem, especificam e conformam seu comportamento, posicionando-os diante da sociedade como um conjunto de indivíduos colocados em comunicação por meio de diversos aspectos da cultura. Os trabalhos de Foucault ajudaram na passagem do *paradigma da filosofia e psicologia da consciência*, no qual o sujeito do conhecimento ou a da consciência reflexiva de si mesma serviam de suporte às metafísicas idealistas, ao *paradigma da filosofia e psicologia da linguagem*, que prioriza a linguagem na maneira de estruturar e organizar a realidade e dar-lhe sentido, a fim de assegurar a prática comunicativa entre os seres humanos e, sobremaneira, permitir a apropriação, a avaliação, a documentação e a disseminação dos conhecimentos científicos de toda uma época. Ocorre

[...] um deslocamento do estudo das “idéias”, realizado por meio de um discurso mental de caráter privado (introspecção), para o estudo dos enunciados linguísticos, públicos e objetivados, a fim de evidenciar sua estrutura lógica [...]

Não é dentro de nossa mente que temos que “olhar” para saber como pensamos, e sim devemos “olhar” para nossos discursos; não devemos esquadriñar nosso “interior” e, sim, devemos permanecer no “exterior” visível a todos.

[...] deixa-se de se considerar que são nossas “idéias” que se relacionam com o mundo, e passa-se a afirmar que são nossas palavras que se correspondem com os objetos do mundo [...] [substituindo] a relação “ideias/mundo” pela relação “linguagem/mundo”, trocando o privado pelo público e o não observável pelo manifesto (GRACIA, 2004, p. 27-8, colchetes incluídos).

Com esse movimento, a Psicologia e, também, a Pedagogia, como outras disciplinas das Ciências Humanas e Sociais (CHS) e das Ciências da Educação (CE), em constante intercessão, diálogo e interlocução com o paradigma da filosofia e psicologia da linguagem, vem sendo atravessadas por um estremecimento de fronteiras disciplinares, tendendo a uma “hibridização de saberes e epistemes”, tornando-se um “campo de

imanência” (BERNARDES & HOENISCHI, 2003, p. 97) em constante interpelação das correntes do estruturalismo, do pós-estruturalismo, da pós-modernidade e da pós-crítica. Passam a incluir em seu corpo teórico, metodológico e epistemológico a análise arqueológica de discurso através da análise das práticas discursivas e produção do significado e do sentido. Concebem tanto o sujeito quanto o objeto como construções histórico-sociais, de produção de subjetividades. Estabelecem uma crítica à ideia representacionista do conhecimento e da objetividade. Através de questões sobre a linguagem, problematizam aspectos sobre a realidade e sobre o sujeito, para se chegar a processos sociais, institucionais e políticas de objetivação e de subjetivação. Com este movimento,

[...] ocorre um redimensionamento do conceito de linguagem. Ela passa a ter uma posição privilegiada na construção e circulação do significado. A linguagem não é apenas uma forma de relatar ou transmitir com neutralidade os significados que pretendemos expressar; ela também os constitui. Desta forma, aquilo que estamos acostumados a considerar fatos naturais – a realidade – são também fenômenos discursivos. Seus significados também surgem a partir dos jogos de linguagem e dos sistemas de classificação nos quais estão inseridos (BERNARDES & HOENISCH, 2003, p. 39).

A crença de que a linguagem é a condição de possibilidade para a compreensão da produção do conhecimento, dos saberes e das disciplinas possui tantas outras repercussões. As teorias do signo e as semiologias operam o primado do significante, de significante de significantes que se diferenciam, na construção e reconstrução de uma metanarrativa ficcional, sendo agora significantes de significantes que recontam uma longa metanarrativa mitológica, psicanalítica, psicolinguística, psicossocial, institucional. Todo esse caráter ficcional da subjetividade, opera com uma linha imaginária e simbólica que promove uma suposta essência para um mosaico tão complexo quanto a própria polifonia conceitual dentro do universo psicossociocultural (FOUCAULT, 2013; 2008; 2007; DERRIDA; 2017; 2014; 2001; BAKHTIN, 1997).

Existem diferentes motivos para que a linguagem, o discurso e as práticas tenham se convertido em objetos de análise, de muitos estudos e alvo de intensos debates nas Ciências Humanas e Sociais (CHS) e nas Ciências da Educação (CE). Optamos pela análise arqueogenealógica como um meio de problematizar e tentar compreender o papel da linguagem no interior dos processos sociais e políticos, como também os seus usos em contextos institucionais, ou ainda nas circunstâncias concretas da vida cotidiana,

microsocial, micropolítica e microfísica. Implica colocar em evidência a centralidade desses processos na constituição, no desenvolvimento e na manutenção de nossas sociedades. Força, portanto, deslocamentos de ordem teórica, metodológica, técnica e epistemológica. Portanto, pouco a pouco,

[...] a linguagem foi se tornando um fenômeno que nenhuma das ciências sociais e humanas pode evitar quando empreende o tratamento de seus objetos específicos. Mas, além disso, a linguagem aparece também como um elemento que todas as ciências humanas e sociais têm que interrogar para estabelecer seu próprio *status* epistemológico e para forjar um entendimento de si mesmas (GRACIA, 2004, p. 41-42).

As terminologias “discurso”, “análise do discurso” e “prática discursiva” não são termos unívocos e possuem significados diferentes nas diversas posições e tradições. No estudo das modalidades de análise do discurso é necessário se estabelecer o diálogo interdisciplinar, primeiramente entre a sociologia, a psicologia, a antropologia, a história e a linguística. Estas conformarão áreas nascentes como a teoria dos atos de fala, a sociolinguística interacional, a etnografia da comunicação, a análise conversacional, a análise crítica do discurso e a psicologia discursiva, por exemplo. Historicamente, as origens desse processo remontam às décadas de 1960 e 1970 do século XX, na França, quando se começa a esboçar uma tradição sob esse rótulo, fortemente influenciada pelo estruturalismo, pelo marxismo e pela psicanálise. Nesse movimento, as concepções pragmáticas e interacionistas vão adquirindo uma importância cada vez maior, ajudando a *estabelecer a ideia de que a palavra é uma forma de ação*, acentuando assim, a dimensão interativa da comunicação verbal. Especialmente relevante é a ênfase dada ao contexto em uso da linguagem, no qual

[...] a linguagem desempenha um papel central, não só como mero meio de comunicação, mas também pela influência que exerce na construção de significados, em relação ao contexto em que é utilizada, e pelas aberturas e fechamentos que sua utilização possibilita. Com efeito, [...] o contexto é a dimensão determinante na construção de significados [...] [que] são inseparáveis do contexto em que foram produzid[o]s [...] (IÑIGUEZ, 2004, p. 111, colchetes incluídos).

A moldura e a arquitetura contextual da linguagem em uso propiciam interações que geram significados e conformam instituições. A análise das situações de interação contextual tem constatado uma situação marcadamente assimétrica dos participantes, ou

seja, revelou que nessas situações os agentes sociais são membros de culturas distintas, de grupos socioculturais diferentes, de status diferente etc., e dos quais, portanto, pode-se esperar sistemas de valores e crenças discordantes ou distantes, que produzem efeitos também divergentes. Temos, portanto, um problema de competência linguística ou comunicativa, de pragmática, de “aptidão para administrar, em um contexto particular, as regras que permitem que uma pessoa interprete o significado do enunciado” (IÑIGUEZ, 2004, p. 113). As interpretações do contexto são cruciais para a comunicação da informação e para que a outra pessoa possa compreender a intenção e a estratégia discursiva do enunciante. O foco é na maneira como a organização da vida social, em interações, em instituições que fornecem contextos através dos quais o sentido da conduta pode emergir com um poder de significado, como uma indexação do mundo social e político, ou seja, a linguagem é um índice para os entendimentos do pano de fundo histórico e cultural no qual o conhecimento e entendimento de alguma coisa, de algum objeto, só é possível no *a priori* histórico. Um número, um certo quantitativo de recursos simbólicos fornecidos a identidades e subjetividades a disposição de sujeitos de desejo no campo do social e do político, de relacionamentos sociais que estão sendo construídos continuamente durante a interação, a comunicação e a expressão. Todo esse processo tem sido denominado e tratado contemporaneamente de processos de subjetivação, ou seja, de modos de produção de sujeitos e de subjetividades.

Tradicionalmente a linguagem é considerada como portadora de significados e ideias no sentido de que os partícipes a codificam no interior das palavras, dos símbolos e dos signos. Logo, a fé de que a linguagem tenha um papel mais ativo na criação do mundo enquanto vontade e representação, enquanto prática cultural. O que se quer é proporcionar uma compreensão dos vários aspectos da linguagem em seu papel de moldura de práticas culturais, como um sistema de comunicação que permite as representações interpsicológicas (entre indivíduos) ou intrapsicológicas (no mesmo indivíduo) da ordem social, e que contribui para que as pessoas utilizem essas representações para realizar atos sociais constituintes, como se gestam, como aparecem, emergem, nascem, são produzidos no interior de grupos ou coletivos humanos em um recorte de tempo e de espaço determinado.

Em um nível teórico, a principal contribuição [...] foi ter considerado a linguagem como um conjunto de estratégias simbólicas que são constitutivas

da sociedade e que possibilitam a representação de mundos possíveis e reais a seus membros. No plano metodológico, sua contribuição foi [...] dar atenção aos elementos contextuais, históricos e culturais que sustentam as interações sociais significativas [...] (IÑIGUEZ, 2004, p. 114).

As vantagens da arqueogenealogia são muitas outras ainda, não apenas pelos tratamentos que possibilita, como também pela pluralidade temática que abre para as Ciências Humanas e Sociais (CHS) e Ciências da Educação (CE). Permite estudar temas como as políticas da representação, a conformação da autoridade, a legitimação do poder, a mudança social, o processo de socialização, a institucionalização, a construção social do sujeito, da subjetividade e do saber, a relação entre ritual e as formas de controle social, o domínio específico do conhecimento e da cognição, as políticas de consumo estético, o contato cultural, as práticas culturais, as bases culturais do racismo e do conflito étnico etc. A análise deve partir de como os partícipes de uma situação social de interação procedem na interpretação e atuação no interior das realidades sociais e políticas que eles mesmos constroem a partir de suas práticas concretas, a fim de problematizar como a sociedade está organizada e como funciona a partir das próprias ações das pessoas que nela interagem produzindo sujeitos, subjetividades e cultura. Parte-se da forma como os partícipes se organizam. Estuda-se a ordem (ou a desordem) do organizado ou da organização da produção social e política cotidiana, capturando as pessoas no que dizem, contam, falam ou fazem de si mesmas. Tudo aquilo como tal e qual é produzido pelos partícipes. Nesse sentido, a tarefa do analista institucional de inspiração arqueogenealógica é estudar, identificar, descrever a ordem em que se produz o discurso, a prática discursiva, examinando a linguagem em uso (oral ou textual, da palavra dita ou escrita). Deve-se ter em conta que a ordem é uma organização produzida, um organizado institucional. A ordem é produzida pelas partes interessadas em situação, elas próprias orientadas para aquela ordem que é repetível e recorrente, definitivamente ordinária. O arqueogenealogista descreve suas estruturas e engrenagens, sua maquinaria e sua máquina, suas práticas organizadas, seus procedimentos formais, os amaneiramentos com os quais a ordem é produzida. Ao estudar a ordem discursiva no interior da linguagem na prática discursiva, ele deve observar certas regularidades. A análise arqueogenealógica minuciosa destas regularidades discursivas nos permite acessar a interação social na instituição para se chegar à manutenção do organizado e do administrado tidos como tarefas com encomendas ocultas ou óbvias.

3 Considerações finais

Michel Foucault (2013; 2008; 2007) irá pensar a ontologia histórica e a ontogênese do sujeito e do ser humano como originária de seu *ser de linguagem*. A crítica do giro discursivo ou linguístico, outrora na subjetividade do sujeito cognoscente, agora na subjetividade do ser de linguagem, não é possível sem a crítica da racionalidade científica, com efeitos de rupturas de paradigmas epistemológicos e na filosofia e história da ciência. Foucault situa então a existência de formas de racionalidade; situa a existência de um *freud-estruturalo-marxismo* que desqualifica a fenomenologia. Talvez seja por isso que o jeito como Michel Foucault vem sendo tratado e utilizado, rotula-o precocemente dentro um sistema de pensamento linguístico pós-estrutural.

Como podemos ver com a nossa opção e escolha, a arqueogenealogia de Michel Foucault nos oferece um conjunto de elementos coerentes e potentes de entendimento contemporâneo, não somente na aquisição teórico-metodológica para o estudo do sujeito humano, mas sobremaneira para diagnosticar nossa condição ontológica e histórica do presente e a situação atual de nossa sociedade. Os instrumentos e ferramentas de Michel Foucault ajudam-nos com uma perspectiva crítica de análise da sociedade moderna e seus descontentamentos. Ao trabalhar com e a partir de Foucault é sempre bom situarmos as escolas estruturalismo, fenomenologia, transcendentalismo e hermenêutica, porque Foucault acreditava que o estudo dos seres humanos se apresentava de forma radicalmente diferente no final do século XVII, quando os seres humanos vieram a ser interpretados como sujeitos de conhecimento e, ao mesmo tempo, objetos de seu próprio conhecimento. Esta seria uma concepção kantiana de ontologia que coloca a ideia de que o homem é o único ser que possui seu corpo totalmente envolvido pela natureza e pelo mundo, pela sociedade e cultura, com suas relações históricas, políticas e econômicas, assim como pela linguagem e língua materna.

Esses determinantes seriam uma sólida base de envolvimento do sujeito humano viabilizar a organização e a organização de sentido às palavras e às coisas. Para ele, essa problemática irá se arrastar nos dois séculos que viriam na filosofia, na história e na epistemologia das Ciências Humanas e Sociais (CHS) e na epistemologia das Ciências da Educação (CE). Para Foucault, estas últimas se dividiram em duas realizações metodológicas radicais em relação à fenomenologia; ambas herdam, mas procuram

transcender a divisão kantiana sujeito/objeto. Essas duas concepções metodológicas procuram eliminar a noção husserliana de um sujeito transcendental doador de sentido. A abordagem estruturalista tenta eliminar tanto o sujeito quanto o sentido, buscando leis objetivas que regem toda a atividade humana. A posição oposta que reunimos sob a rubrica geral de hermenêutica abandona a tentativa fenomenológica de compreender o homem como um sujeito doador de sentido, mas tenta preservar o sentido ao localizá-lo nas práticas sociais e nos textos literários e códigos produzidos pelo homem.

A arqueogenealogia de Michel Foucault centra-se na análise dos sistemas de instituições (análise institucional), juntamente com a análise das práticas discursivas historicamente situadas. As Ciências Humanas e Sociais (CHS) são por ele tratadas como sistemas autônomos de discurso e de práticas discursivas que possuem uma regulação interna própria. Tratar os discursos das CHS arqueologicamente significa evitar envolver-se com os argumentos sobre os que elas afirmam fazem sentido ou mesmo se são verdadeiros. O arqueogenealogista “deve permanecer neutro no que concerne à verdade e ao sentido dos sistemas discursivos que ele estuda” incluindo “todas as disciplinas, com seus conceitos aceitos, sujeitos legitimados, objetos inquestionados e estratégias preferidas que produzem afirmativas justificadas de verdade” (DREYFUS & RABINOW, 2013, p. XXIV).

Michel Foucault (2007; 2008) contribui com uma análise altamente sofisticada das Ciências Humanas e Sociais (CHS) e das Ciências da Educação (CE) no que concerne às suas funções políticas e culturais. O arqueogenealogista diante de todo tipo de saber, e, sobremaneira, diante do seu próprio, deve manter uma posição de distanciamento do sentido e da verdade que se atribui. Ele deve julgar a linguagem e a prática discursiva de uma disciplina e seus objetos como possuindo um significado histórico, um significado situado historicamente, devendo ser tratados como “um pequeno objeto de época” (VEYNE, 1998, p. 255). Para Michel Foucault, o arqueogenealogista não deve ser obstinado em encontrar um significado ou sentido mais oculto ou mais profundo para finalmente achar uma verdade mais essencial nesse ou naquele discurso, acrescentando-lhe ainda mais discurso. Para ele, nossa sociedade e sujeito humano são obcecados por atribuir significado e sentido às coisas.

A arqueogenealogia de Michel Foucault insere-se no crescente interesse das Ciências Humanas e Sociais (CHS) e, sobremaneira, das Ciências da Educação (CE), nas

formas do uso da linguagem, das práticas de linguagem, seja falada, dita ou escrita, de conversações ou de textos. Todas as “disciplinas nas humanidades e nas ciências sociais se voltaram para os problemas fascinantes do texto e da conversação em interação, cognição, contexto social ou cultura” (IÑIGUEZ *et alii*, 2004, p. 7). De acordo com Iñiguez *et alii* (op. cit.), os efeitos das contribuições do *giro discursivo* para no desenvolvimento, tanto históricos quanto sistemáticos, tanto teóricos como metodológicos e, sobretudo, epistemológicos, dos estudos da linguística, da linguagem e da literatura, ocorrem de forma quase que independente, a partir da década de 60, entre 1964 e 1974, na antropologia, na sociologia, na psicologia social e na linguística.

Michel Foucault (2013) prossegue problematizando que, no entanto, o particular da situação atual é que essa decalagem epistemológica ou defasagem epistemológica assume uma nova forma, “é de uma outra maneira que, atualmente, a linguística pode servir de modelo para outras ciências sociais” (p. 169), porque segundo ele a linguística em sua forma moderna, a linguística moderna coloca, para as CHS, que “a linguística estrutural não atua sobre coleções empíricas de átomos individualizáveis (raízes, flexões gramaticais, palavras), mas sobre conjuntos sistemáticos de relações entre os elementos” (p. 169), dentro de um sistema de comunicação. Diz Foucault: “chegamos agora ao problema da comunicação” (p. 169). Foucault afirma que “a linguística, a partir de Saussure, trabalha sobre a língua em geral, como os gramáticos dos séculos XVII e XVIII” (p. 169), assim o faziam, mas que ainda não considera a língua como uma tradução do pensamento e da representação, apenas como uma forma de comunicação, no qual a língua e seu funcionamento supõem: polos emissores, de um lado, e receptores de outro; mensagens, ou seja, séries de acontecimentos distintos; códigos ou regras de construção dessas mensagens que permitem individualizá-las.

Para a arqueogenealogia de Michel Foucault (2013), enquanto análise da linguagem do ser de linguagem, em vez de ser relacionada a uma teoria da representação ou a uma análise psicológica da mentalidade dos sujeitos, encontra-se atualmente colocada em pé de igualdade com todas as outras análises que podem estudar os emissores e os receptores, a codificação e a decodificação, a estrutura dos códigos e o desdobramento da mensagem. A teoria da língua encontra-se, portanto, ligada à análise de todos os fenômenos da informação. Para ele, devemos perceber que ao mesmo tempo, a linguística se vê ligada às Ciências Humanas e Sociais (CHS) e às Ciências da Educação

(CE) de um modo novo, na medida em que o social pode ser agora definido ou descrito como um conjunto de códigos ou de informações que caracterizam um grupo dado de emissores e receptores. Esses fenômenos devem ser analisados em termos psicossociológicos, podendo ser lidos no presente a partir do modelo linguístico.

Agradecimentos

Agradeço ao Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará (ICED/UFPA) na pessoa do Prof.º Dr.º Carlos Jorge Paixão. Agradeço ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará (IFCH/UFPA) na pessoa do Prof.º Dr.º Damião Bezerra Oliveira.

Contribuição

Michel de Vilhena Ferreira: Conceptualização, Escrita - rascunho original, Escrita - análise e edição; **Carlos Jorge Paixão:** Conceptualização, Supervisão; **Damião Bezerra Oliveira:** Supervisão.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (ISBN: 85-336-0616-8).

BERNARDES, Anita Guazzelli; HOENISCH, Júlio César. Subjetividade e identidades: possibilidade de interlocução da Psicologia Social com os Estudos Culturais. In: GUARESCHI, N. & BRUSCHI, M. (Orgs.). **Psicologia Social nos Estudos Culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003. pp. 95-126. (ISBN: 85-326-2819-2).

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2017. (ISBN: 978-85-273-0206-7).

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. (ISBN: 978-85-273-0879-3).

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2001. (ISBN: 85-7316-247-3).

DREYFUS, Richard; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica.** Para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. (ISBN: 978-85-218-0475-8).

FOUCAULT, Michel. Linguística e ciências sociais. In: MOTTA, Manoel Barros da. (Org.). **Michel Foucault: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento.** 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. pp. 167-189. (Coleção Ditos & Escritos; v. II) (ISBN: 978-85-218-0487-5).

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber.** 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.** 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (ISBN: 978-85-8063-264-4).

GRACIA, Tomás Ibáñez. O “giro linguístico”. In: IÑIGUEZ, Lupcinio. **Manual de análise do discurso em Ciências Sociais.** Petrópolis: Vozes, 2004. pp. 19-49. (ISBN: 85-326-3004-9).

IÑIGUEZ, Lupcinio. **Manual de análise do discurso em ciências sociais.** (Org.). Petrópolis: Vozes, 2004. (ISBN: 85-326-3004-9).

IÑIGUEZ, Lupcinio. Prática da análise do discurso². In: **Manual de análise do discurso em Ciências Sociais.** Petrópolis: Vozes, 2004a. pp. 105-160. (ISBN: 85-326-3004-9).

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet.** 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. (ISBN: 978-85-423-0055-0).

VEYNE, Paul. Foucault revoluciona a história. In: **Como se escreve a história.** 4. ed. Brasília: Editora UNB, 1998. pp. 237-285. (ISBN: 85-230-0327-4).

Recebido em: 14 de abril de 2022

Aceito em: 20 de julho de 2022

Publicado em agosto de 2022

Michel de Vilhena Ferreira
E-mail: michelvilhena01@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8383-5940>

Damião Bezerra Oliveira
E-mail: damiao@ufpa.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8247-8803>

Carlos Jorge Paixão
E-mail: cjp@ufpa.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4528-9907>

² Na segunda edição desta publicação este item aparece como “Análise do discurso nas ciências sociais: variedades, tradições e práticas”.